

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943. 363 p.

Fogo Morto é o décimo romance de José Lins do Rego. Pois bem, esses dez romances de José Lins do Rego, conjunto da obra feliz dum grande escritor, são, desde já, um fato da história literária.

Confesso, porém, que os meros fatos pouco me interessam; o que me interessa são os problemas. Acredito mesmo que, para nós outros, os meros fatos não existem, e sim apenas os problemas. Os fatos não se percebem; só pelo lado problemático se tornam visíveis. Do mesmo modo, a plenitude de vida orgânica dentro do nosso corpo, trabalho complicadíssimo e incessante dos seus órgãos passa-nos, felizmente, despercebido, continua espontaneamente sem tomarmos conhecimento disso, e só quando aquelas complicações se tornam irregulares, quando um órgão ou todo o organismo adoece, só então ficamos conscientes do nosso estado corporal, como os filhos mais complicados, mais expostos e mais perdidos da Criação: o fato transformou-se em problema. Agora, o que são as doenças para o médico, são os problemas para o crítico literário: sugerem-lhe dúvidas e admirações, arrancam-lhe golpes e aplausos, provocam-lhe a suprema alegria da interpretação. Pois, "do encontro da dor e do instinto de criação, nascem as obras de arte" (Thomas Mann). Os fatos, contam-se; os problemas, interpretam-se. José Lins do Rego, porém, é um *conteur* nato; contar histórias é a sua profissão. Os seus dez romances em conjunto são, desde já, um fato da história literária; cada um daqueles romances é um fato, todos eles são cheios de fatos

numa riqueza que é a da própria vida orgânica, espontânea e como que sem problema. José Lins do Rego não é um escritor problemático.

Verificação que me deixa perplexo. José Lins do Rego não é um escritor problemático, como não é problemática a própria vida. Então, como é? A vida não seria problemática? A riqueza poética de José Lins do Rego é a vida orgânica antes de tornar-se problemática: é orgânica, espontânea, inconsciente. Todas as saudades do escritor José Lins do Rego, que é um homem lido, culto, cheio de problemas, todas as suas saudades, que são saudades dos seus instintos, do seu sangue, da sua herança no sangue, giram em torno da vida orgânica espontânea, inconsciente; e a sua força literária consiste em saber transformar essas saudades em palavras escritas, nas mil e mil e mil palavras dos seus dez romances. *Menino de Engenho, Doidinho, Bangüê, O Moleque Ricardo, Usina, Pureza, Pedra Bonita, Riacho Doce, Água-Mãe*, e agora *Fogo Morto* — os títulos bastam para lembrar-nos inúmeros homens e mulheres que acreditamos ter conhecido, como conhecemos o seu próprio criador; seres de carne e sangue, vivos, alegres, e tristes até a morte, como é a própria vida. Não têm o mesmo valor todos esses romances, há altos e baixos, como a vida tem as suas marés, como a vida do ser mais instintivo, da mulher, à qual José Lins do Rego dedicou as suas páginas mais sentidas, é regida pela influência misteriosa da lua. Todas as virtudes e todos os defeitos do escritor José Lins do Rego residem na sua espontaneidade fabulosa, na sua riqueza vital, na sua força instintiva. Então seria difícil, seria impossível transformar a obra de José Lins do Rego em problema? Então, é o próprio escritor José Lins do Rego quem nos propõe o problema.

José Lins do Rego é um homem estranho. Entra na Livraria José Olympio, sem saudar ninguém, roupa elegante, atitude desleixada, bem-nutrido, com olhos muito móveis atrás dos óculos, uns grandes sinais no rosto, voz alta, barulhenta. Traz uns livros — “Impressionaram-me muito!” — que não vai ler, recebe os recados que a moça da caixa tem sempre para ele, vai para o telefone: coisas de futebol, a literatura não interessa. Fala com os amigos, com Graciliano Ramos, Octávio Tarquínio, Aurélio Buarque de Holanda, João Condé Filho, uns outros — Otto Maria Carpeaux está entre eles —, fala sem ouvir as respostas, conta histórias as mais engraçadas, de humor rabelaisiano, ri-se gostosamente, com barulho, é todo menino, eterno menino de engenho. A literatura não lhe importa. Diz sobre todos a quem admira o que poderia dizer de si próprio: “ele é mais um homem da terra do que dos livros”. É homem da comida boa e farta, das meninas bonitas, do futebol, e do povo. E, de repente, sente dores em todas as partes do corpo: no estômago, no fígado, no coração. Fica sentado, calado, cabisbaixo. Não fala nem ouve falar. Os óculos escondem uma profunda tristeza. Levanta-se, sai, sem saudar ninguém. É ele mesmo.

A obra de José Lins do Rego é ele mesmo. É profundamente triste. É

uma epopéia da tristeza, da tristeza da sua terra e da sua gente, da tristeza do Brasil. Na tremenda saúde física de José Lins do Rego há a consciência desesperada de todas as doenças possíveis e da morte certa. Há na sua obra a consciência de que tudo está condenado a adoecer, a morrer, a apodrecer. Há a certeza da decadência dos seus engenhos e dos seus avós, de toda essa gente que produziu, como último produto, o homem engraçado e triste que lhe erigiu o monumento. É grande literatura.

Eis o problema: José Lins do Rego é, antes de tudo, uma natureza. Tem algo dum força elementar, cria; como a natureza cria, prodigamente, sem cuidar das vidas, que há sempre em excesso: morrem, ressuscitam, sobrevivem. “É mais um homem da terra do que dos livros”. Mas este mesmo José Lins do Rego é uma das maiores vocações literárias que conheci. Não pode viver sem escrever. Tudo se lhe transforma em palavras, linhas, artigos, ensaios, livros. Para ele, *tout existe pour aboutir à un livre* (Mallarmé). Tem o dom imenso de transformar tudo em literatura. Transformou-se a si próprio em personagem sua, em eterno menino de engenho. E — considerando só essa qualidade de viver em escrever, e tirando-se do superlativo todo sentido de crítica, de julgamento literário — esse menino de engenho é o maior escritor do Brasil.

Deste modo, acredito ter conseguido decompor o fato literário — “dez romances de José Lins do Rego” — em dois fatos de psicologia literária, que aparentemente se contradizem. O fato transformou-se em problema. Exige a interpretação.

José Lins do Rego é brasileiríssimo. Outro dia, o meu amigo Álvaro Lins conversou comigo sobre as pretendidas influências estrangeiras na obra do paraibano: falamos em Thomas Hardy, em David Herbert Lawrence. Não estava certo. José Lins do Rego é ele mesmo. É paraibano. É brasileiro, brasileiríssimo. É brasileiro com o amor à terra, às mulheres, à conversa, aos gracejos, com a memória do avô que era governador da província, do primo que morreu de tuberculose, do tio que vendeu o engenho, com a memória vivíssima de todas as tristezas da sua gente brasileira, e que se encarnaram na sua própria tristeza brasileira. Risos e lágrimas: eis o seu mundo. “Mundo épico-lírico”, como disse De Sanctis para caracterizar o romancista nato de sua terra. Os seus homens e mulheres são seres primitivos, agem e reagem instintivamente, sem motivos superiores — na criação de homens superiores o romancista não é bem-sucedido — mas não por materialismo e sim por identificação completa com aquele mundo primitivo que hoje se perde, dolorosamente. É um homem do povo.

Com isto, a sua literatura parece destinar-se à literatura popular. Mas não é assim. José Lins do Rego é autor dos homens cultos, até dos literatos, que o

amam, todos, como a um irmão. Há um mal-entendido em torno do conceito "literatura popular". Os romances que tratam dos pobres, dos míseros, dos humildes, do povo, são a literatura dos ricos, dos cultos, dos literatos. O próprio povo não gosta da "literatura popular"; prefere a outra, que lhe parece "literatura culta" e que lhe conta histórias de banqueiros-ladrões e datilógrafas-princesas; prefere o Carlos Magno e os heróis do cinema. A verdadeira "literatura popular" é grande literatura; é diferente, é "popular" apenas pelo estilo diferente, estilo de tempos passados, arcaico, não escrito mas oral. Parece mal escrito, porque não é escrito, mas ouvido e falado. Os contadores profissionais de histórias falam, contam assim. É uma espécie arcaica de literatura à qual o verdadeiro "conto" pertence, isto é, a recitação duma história que se passou ou que se teria passado. O romance histórico fracassou quase sempre — tornou-se, depois, falsa "literatura popular" — porque não se conta com atitudes literárias o que se foi para sempre. Conta-se aquilo sem atitudes, sem artifícios histórico-literários, conta-se como sempre contaram os contadores profissionais de histórias, dos quais o último representante no Brasil é José Lins do Rego.

O grande valor literário da obra de José Lins do Rego reside nisto: o seu assunto e o seu estilo correspondem-se plenamente. Assim, e só assim, conta-se a decadência do patriarcalismo no Nordeste do Brasil, com as suas inúmeras tragédias e misérias humanas e uns raros raios de graça e de humor. Por isso, José Lins do Rego consegue acertadamente o que quer: e isto parece-me o maior elogio que se pode fazer a um escritor. Pode ser que "o homem da terra" nem sempre saiba disso; mas "o homem dos livros", que há também em Zé Lins, sabe muito bem. Sabe bem a lição do seu mestre Gilberto Freyre, e transformou-a tão integralmente em literatura, em romance, em vida, que hoje é sua. Concebendo a "cultura" no sentido de Gilberto Freyre — como expressão global da vida política e do espírito, social e individual, vital e humana, pode-se dizer que José Lins do Rego é a expressão literária da cultura da sua terra; é mais da terra do que dos livros. É a consciência literária da casa-grande e da senzala, dos senhores de engenho e dos pretos, dos bacharéis e dos moleques, de todo mundo agonizante. Foi ontem, isso? Ou é ainda hoje assim, ou vive isso apenas na sua memória incomparável? O que está certo é que aquilo não existirá mais, amanhã. Só viverá nos romances de José Lins do Rego.

São, esses dez romances, um grande monumento. Os historiadores do futuro — esperamos que sejam mais inteligentes do que certos críticos de hoje — aproveitar-se-ão desse documento para reconstruir todo um mundo. Mas aos construtores sobrevivem os criadores, e à reconstrução sobrevive a vida. A obra de José Lins do Rego é mais, muito mais do que um documento sociológico; é qualquer coisa de vivo, porque o seu criador lhe deu o próprio sangue, encheu-a dos seus gracejos e tristezas, risos e lágrimas, conversas, doenças, barulhos, dispa-

rates, e da sua grande sabedoria literária. Deu-lhe o hábito da vida. Essa obra não morre tão cedo. É eternamente jovem, como o povo; é eternamente triste, como o povo. “*Sunt lacrimae rerum*”, diz o poeta latino, e Gontcharov, o grande russo, falou do “lamento invisível das coisas”. Há esse lamento na obra de José Lins do Rego. Por isso, é mais do que o documento dum mundo que se foi; é o seu monumento.

Parecem palavras grandes, estas. Palavras dum amigo — dirão — que elogia o amigo. Pois bem, vou responder como aquele crítico espanhol Juan Dolent ao qual disseram: “É estranho como Você elogia sempre os romances dos seus amigos!” E ele a responder: “Entende-se, pois sujeitos que escrevem romances ruins não se encontram entre os meus amigos”.

Do homem e do escritor José Lins do Rego irradia uma grande força de simpatia. É a mesma simpatia humana que dá vida irresistível a cada linha que escreve, a simpatia humana que enche os seus livros, ressuscita os mortos até restituir a vida àquele seu mundo morto, vivendo entre nós outros. Como José Lins do Rego vive entre nós outros, na Avenida, no campo de futebol, na leiteria, na Livraria José Olympio. Lembremo-nos bem da sua figura estranha, da roupa, da atitude, dos olhos e dos óculos, dos sinais no rosto, dos recados, telefonemas, gracejos, histórias, doenças e tristezas. Lembremo-nos bem! “*I shall not look upon his like again*”. Nunca mais veremos um homem assim.

José Lins do Rego é o último dos contadores profissionais de histórias. Com ele, a espécie extinguir-se-á. É como um narrador de contos de fadas. Como menino, como menino de engenho, deve ter ouvido muitas histórias dessas — batendo o coração, aos pés da mãe-preta — para poder inventar, depois, tantas histórias assim, que não nos fatigamos de ouvir. Agora, somos nós, assentados aos seus pés, pedindo: — Conta-nos mais! E ele contará, com o fogo vivo da sua força dum grande narrador de histórias. Escutemos! Escutai! Virai a folha! Lereis a primeira página de *Fogo Morto*.

OTTO MARIA CARPEAUX
(Prefácio à primeira edição, datado
de 14 de junho de 1943)